TIVE UM SONHO em que a Shimamura e eu nos beijávamos.

Quando abri os olhos, estava envolvida em um caos emocional. Fiquei tão brava comigo mesma que baguncei meu cabelo de frustração. Mas, eventualmente, encontrei algo que se assemelhava a uma desculpa.

Eu não era gay ou algo do tipo. E, até onde eu sabia, Shimamura também não era. Me senti culpada por ter esse tipo de sonho. Se ela descobrisse, provavelmente evitaria se encontrar comigo, então eu precisava manter a boca fechada a respeito disso.

Quando nos beijamos, não senti nada, provavelmente porque nunca havia tocado seus lábios na vida real. No entanto, quando nossos dedos se entrelaçaram, o sonho replicou a maciez deles com uma precisão perfeita. Era tudo tão real, como se alguém tivesse desenterrado meus desejos subconscientes e os colocado em um letreiro bem na minha frente. Me senti enjoada.

Estávamos no quarto da Shimamura - um lugar onde eu nunca estive na vida real, vale ressaltar - assistindo TV. Ela estava encostada na parede com as pernas abertas, e eu estava entre elas, recostada contra ela. Ela sorria para mim com uma expressão calorosa e amorosa. Então, virei para ela, e nossos rostos estavam a centímetros de distância, e... AAAAHHH!

Ao revisar a sequência de eventos, gritei internamente, e meu corpo ficou coberto de um suor frio.

O sonho provavelmente era apenas... a maneira do meu cérebro expressar o desejo de ser uma amiga mais próxima da Shimamura. Eu queria que nossa relação fosse "diferente" em comparação com as outras amigas dela, mas apenas um pouco. Por exemplo, talvez eu pudesse chamá-la pelo primeiro nome enquanto todos os outros a chamavam de Shimamura. Isso seria mais do que suficiente para me fazer sentir especial. Mas já era um pouco tarde para começar a chamá-la de outra coisa; seria estranho se eu tentasse. E, para ser honesta, eu nem conseguia lembrar qual era o primeiro nome dela.

Para mim, ela era apenas... Shimamura. Algo nisso também me transmitia uma sensação reconfortante, como um grande e fofo cobertor que me passasse segurança.

Então, é isso, com certeza eu não era gay. O beijo nem significava nada.

"Não! Não, não, não...!"

Quero dizer, eu não disse que nunca beijaria a Shimamura, mas também não era algo que eu quisesse ativamente.

Talvez, se ela estivesse em coma, e não houvesse mais ninguém por perto em um raio de, digamos, cinco quilômetros, e algum ser todo-poderoso me dissesse

que ela não acordaria por vinte e quatro horas... talvez, depois da vigésima terceira hora, eu tentaria por pura monotonia. Esse era o alcance do meu interesse em beijá-la, ou seja, praticamente zero. Nada.

"Espera... Não seria menos estranho se eu me recusasse a beijá-la sob quaisquer circunstâncias...?"

Mas, se as situações fossem invertidas, e ela quisesse me beijar, provavelmente eu não recusaria. Talvez ficasse assustada ou confusa, mas não a impediria. Sim, talvez tenha algo errado comigo.

Eu poderia me angustiar com o sonho o dia todo, mas não resolveria nada. Novamente, para deixar claro, eu não era gay. Dito isso... eu podia admitir sentir um certo nível de possessividade em relação à Shimamura.

Eu só queria que ela me priorizasse, só isso.

Queria ser a primeira pessoa em que ela pensava quando ouvia a palavra "amiga".

✪✪✪

Por muito tempo, eu me perguntava o quanto a Shimamura gostava de mim. Eu estava no mesmo nível que as outras amigas dela, ou eu era um caso especial? Era difícil avaliar, já que ela quase nunca falava sobre outras pessoas, ou mesmo sobre ela mesma. Ela pensa que mal me conhece? Dois pesos, duas medidas!

Quando chegasse a hora, tudo que eu realmente podia fazer era perguntar a ela. Mas como eu poderia olhar nos olhos dela e dizer, "Shimamura, o quanto você gosta de mim?" E se ela dissesse "Não gosto"?

Isso era o tipo de coisa com a qual meu cérebro se ocupava enquanto minha mão se movia automaticamente para copiar anotações na aula. Não estava obcecada por ela nem nada — simplesmente não tinha muita coisa mais com que me preocupar.

Terceiro período: aula de matemática. Não havia motivo para prestar atenção, de verdade. Eu estava enferrujada nos fundamentos, e, portanto, absolutamente nada na aula fazia sentido para mim. Naturalmente, isso tornava as anotações do conteúdo ainda mais entediantes do que o normal. De vez em quando, eu olhava muito brevemente para a Shimamura de soslaio; ela segurava uma lapiseira com uma expressão sonolenta no rosto.

Eu não percebi até depois de começar a voltar para a aula, mas... realmente não havia muitas oportunidades para conversar com ela enquanto participávamos das atividades regulares da escola.

Obviamente, não poderíamos conversar durante a aula, mas mesmo durante os intervalos, a mesa dela estava muito longe para eu ir até lá sem parecer estranho. Simplesmente parecia muito... direto. Mesmo quando ambas éramos designadas para a limpeza, sempre acabávamos encarregadas de áreas diferentes, então mal nos víamos. Isso deixava somente o almoço e o período depois da escola livres.

Mas Shimamura geralmente passava o almoço com Hino e Nagafuji, e estar perto delas sempre me fazia recuar. Eu realmente queria me encaixar com elas, digo isso com sinceridade, mas simplesmente não conseguia. Eu não era o tipo de pessoa que podia sorrir e ser simpática com todos; eu preferiria evitar situações sociais por completo.

Shimamura havia percebido esse traço meu, então ela nunca tentou me forçar. Ela estava perfeitamente bem fazendo as coisas dela sem mim. Mas às vezes... pelo menos, em momentos como esses... eu desejava que ela me escolhesse em vez das outras.

Então, com o almoço fora de questão, tudo o que restava era depois da escola. Na maioria das vezes, ela ia direto para casa o mais rápido possível; aparentemente, ela estava tentando compensar as aulas que perdeu estudando muito em casa. (Na minha opinião, ela era realmente uma boa pessoa, lá no fundo.) Sempre que ela ia para casa estudar, eu fazia o mesmo.

Depois daquele estranho sonho na noite passada, me senti muito insegura para me aproximar dela. E Shimamura quase nunca se esforçava para me convidar para qualquer coisa - por isso fiquei tão surpresa quando ela me pediu para ir para a aula com ela. Assim, a maioria dos dias passava sem nenhuma interação entre nós.

Nós nunca saímos juntas nos fins de semana. Eu só a via no campus, e se íamos a algum lugar juntas, era depois da escola, ambas ainda de uniforme. Era até onde nossa amizade chegava.

A sensação era tão... eu não sei... unilateral.

Se você batesse na porta, Shimamura abriria... mas, caso contrário, ela nunca saía.

✪✪✪

Agora você pode estar se perguntando, o que é "Cozinha Neo-Chinesa"? Eu, sinceramente, não saberia dizer. Se você perguntasse às pessoas que administram este lugar, aposto que elas também não saberiam. Mas é isso que está escrito no letreiro lá fora. Um mistério total.

Por alguma razão, havia muitos restaurantes chineses de propriedade taiwanesa nesta cidade - supostamente, em toda esta região - e no que eu trabalhava não era uma exceção. Os gerentes e funcionários eram todos taiwaneses; alguns deles ainda não haviam dominado o idioma japonês. Como em qualquer restaurante chinês, a fachada do prédio fazia amplo uso da cor amarela. Além disso, o cardápio do almoço era barato, e o frango karaage era enorme.

Este era meu trabalho de meio período. Por que eu tinha um emprego de meio período? Porque parecia ser uma forma produtiva de passar o tempo. Melhor do que ficar sentada sem fazer nada. Por outro lado, parte de mim às vezes se perguntava se meus domingos e as noites durante a semana seriam melhor aproveitados em algum tipo de vida social.

Cardápios impressos em grande quantidade, com fotos de comidas de algum outro restaurante, ficavam em cada mesa. Dia após dia, os clientes faziam seus pedidos, apenas para receber produtos finais que não se pareciam em nada com as imagens mostradas no menu. Na verdade, era praticamente um milagre se os clientes realmente recebessem o que pediram.

Como muitos restaurantes chineses, uma estante continha mangás para os clientes lerem. No entanto, como havia apenas alguns volumes, não dava para esperar entender toda a história. Uma decoração de dragão com aparência barata pendia do teto, ajudando a criar uma atmosfera estranhamente exótica.

A verdade é que trabalhar lá não teria sido tão ruim se não fosse pelo uniforme. Por que eu era a única que tinha que usar um *cheongsam*? O vestido longo até o tornozelo era azul brilhante, com bordados de flores de ameixa e folhas de bambu, e uma fenda profunda que corria pelo lado, expondo minhas pernas nuas. Mas, pensando bem, o uniforme da escola mostrava muito mais perna do que isso... mas, por algum motivo, usar o *cheongsam* era mais constrangedor. Possivelmente porque o tecido era tão brilhante.

(Nota: *Cheongsam* ou *zansae*, também conhecido como *qipao* e às vezes chamado de vestido mandarim, é um vestido chinês usado por mulheres que se inspira no *qizhuang*, a roupa étnica do povo Manchu.)

Quando perguntei à dona por que eu era a única funcionária do sexo feminino a usar aquilo, ela respondeu: "Porque você é jovem." Faz sentido, eu acho. Comecei o trabalho durante as férias de verão, então, a essa altura, eu já estava bastante acostumada com o uniforme... mas, sempre que pensava demais sobre isso, meio que queria sumir.

Um carro já estava esperando no estacionamento lá fora, mas eram apenas 4:58, então nenhum dos funcionários deu atenção ao carro. Essas pessoas taiwanesas realmente pareciam gostar de seus horários rigorosos. Enquanto eu olhava para o carro branco-pálido, rezava para que o restaurante não ficasse muito movimentado naquela noite.

Dois minutos depois, às 5:00, minha colega mais velha (taiwanesa, mal falava uma palavra de japonês) saiu, retirou o grande letreiro "FECHADO" e ligou o letreiro de néon "ABERTO". Somente então as portas do carro se abriram. Já estava escurecendo, e naturalmente essa cidade do interior não podia arcar com luzes de rua luxuosas, então eu não conseguia dizer quantos clientes esperar.

Minha colega voltou para dentro, seguida por uma família de quatro pessoas. Antes mesmo de parar para olhá-los, eu entrei na minha rotina habitual. "Bem-vindos a — oh."

Quando finalmente olhei, no entanto, parei instantaneamente. De pé atrás do casal de meia-idade... estava a Shimamura.

Ela me reconheceu de imediato. "Oh."

Eu havia me recusado a dizer a ela onde eu trabalhava, e mesmo assim, de alguma forma, ela me encontrou. Eu sabia que provavelmente era apenas uma coincidência insana, mas mesmo assim, fiquei atordoada.

Ela encarou meu uniforme. "Uau."

Eu olhei para o chão, me sentindo como um panda em exibição no zoológico. Se qualquer outra pessoa tivesse me olhado assim, eu teria dado um fora nela.

Então a... mãe (?) da Shimamura... se virou para ela e perguntou: "Amiga sua?"

"Sim, da escola," respondeu Shimamura rapidamente e de maneira curta, provavelmente porque era a mãe dela quem estava perguntando. Por algum motivo, fiquei encantada em descobrir essa pequena mudança em sua atitude.

Evidentemente, esses eram os pais da Shimamura. Seu pai estava um pouco acima do peso; com base na sua vibe geral, parecia ser uma pessoa legal. Quanto à mãe dela, tinha pernas esguias e ombros largos. Parece que ela se exercita.

Por fim, uma garota mais jovem - quase certamente a irmã que ela mencionou da última vez que saímos juntas - ficou na sombra de Shimamura. Nossos olhos se encontraram. Ela parecia timidamente interessada no meu *cheongsam*.

"Eu não sabia que você trabalhava aqui, Adachi. Eu gostei do seu vestido chinês."

"...Mesa para quatro, por aqui."

Senti os olhares dos meus colegas em mim, então, naquele momento, conduzi a família até uma mesa no canto. Lá, os pais da Shimamura se sentaram à esquerda, enquanto a Shimamura e a irmã se sentaram à direita. A pequena Shimamura se aproximou da irmã mais velha, estendendo a mão para pegar o cardápio. Pareciam próximas.

Enquanto eu trazia água e me preparava para anotar os pedidos, percebi que a Shimamura estava me olhando. "É por isso que eu não queria que você viesse", murmurei baixinho. Nenhum tipo de ajuste impediria a fenda de mostrar as minhas pernas.

"Ah, relaxa. Você está arrasando no visual!" ela insistiu, sorrindo de uma maneira brincalhona e travessa. Embora fosse raro ver a Shimamura sorrir tão sem pudor, isso não parecia exatamente um elogio, mas mais como algo divertido que ela queria dizer em voz alta.

"Então, você é a Adachi-chan, não é?" a Sra. Shimamura perguntou. Pelo canto do olho, vi a Shimamura lutando para manter uma expressão séria.

"Sim, senhora."

"É bom finalmente conhecer uma amiga da minha filha. Agora que ela está no ensino médio, nunca mais trouxe ninguém para casa. Me faz pensar com quem ela anda por aí."

"Sim, haha..." eu disse relutantemente.

"Só a ignore," a Shimamura interveio, fazendo um gesto de desdém na direção de sua mãe.

É compreensível.

"Então, me diga, vocês duas estão na mesma classe?" perguntou a Sra. Shimamura.

"Para com isso," a Shimamura retrucou. Ela estendeu a palma da mão para a frente, em um gesto de "pare e desista", parecendo irritada.

"Ah, vai!" riu a Sra. Shimamura. A maneira como ela evitava levar a sério as reclamações da filha meio que me lembrava da minha própria família. No ensino fundamental, eu era muito tímida. Isso causou muitos... problemas.

Mas, quanto mais a Shimamura se desesperava, mais fácil era para eu manter minha compostura.

"Então, uh... qual é a história com... isso...?" Eu queria perguntar por que eles estavam no restaurante, mas não consegui encontrar as palavras.

Felizmente, a Shimamura intuiu o que eu estava sugerindo. "Ah, é, uh, recebemos alguns cupons pelo correio, então decidimos experimentar o lugar," explicou ela.

"Ah, entendi." Silenciosamente, amaldiçoei a administração. Suas ações descuidadas haviam levado involuntariamente à humilhação tanto para a Shimamura quanto para mim.

Hoje ela tinha amarrado o cabelo em um rabo de cavalo, proporcionando uma pegada mais "arrumada" em comparação com seu estilo usual. Ou será que parecia assim porque sua irmã mais nova estava sentada ao lado dela?

Naturalmente, a Pequena Shimamura não tinha descolorido o cabelo, então era muito mais escuro do que o de sua irmã mais velha. Essa seria a cor do cabelo da Shimamura se ela o deixasse crescer... Era uma tonalidade lisonjeira, com certeza.

"Quando estiverem prontos para pedir, só me chamar."

Saí correndo. Enquanto conversava com a Sra. Shimamura, eu tinha temporariamente esquecido que estava usando um *cheongsam*, mas não suportava mais ser o espetáculo de vestimentas da Shimamura. Eu confiava que ela não contaria a ninguém na escola, é claro. Ainda assim, ela era a última pessoa que eu gostaria que me visse assim.

Caminhei até a entrada, colocando o máximo de distância possível entre mim e a Shimamura.

"Essa é sua amiga?" perguntou minha colega mais velha em seu japonês meio travado. Eu assenti levemente. Sim, Shimamura era minha amiga. Isso era inegável.

Então, a Pequena Shimamura espiou o cardápio da irmã mais velha, apontou e gritou "Cogumelos de barbatana de tubarão!"

"Não peça isso," repreendeu o Sr. Shimamura.

Pessoalmente, eu estava inclinada a concordar, já que não podíamos realmente servir o prato. Essa era a desvantagem de usar um menu impresso em massa.

Enquanto observava os Shimamuras interagirem na mesa, senti que eram uma família feliz. Eu meio que invejava isso. Quanto à minha família, éramos meio... simples um com o outro. Não tínhamos muita coisa em comum; apenas vivíamos juntos porque éramos parentes. Como você pode imaginar, meu relacionamento com eles, como resultado, era bastante vazio.

Deixando isso de lado, eu não queria que os Shimamuras passassem a noite toda tendo um jantar familiar comovente. Eu queria que eles se apressassem e saíssem do restaurante. Ou eu queria ir para casa. Puxei meu vestido várias vezes. Se ao menos todos estivessem usando a mesma coisa... *Oh Deus, ela acabou de olhar para mim!* Reflexivamente, desviei o olhar.

Para a Shimamura, provavelmente parecia apenas que sua amiga da escola estava constrangida com sua roupa. Eu tinha mais do que isso para me envergonhar, no entanto. Toda vez que a olhava, lembrava do sonho que tivera duas noites antes. Mais uma vez, eu me lembrava de que o sonho em si não era produto de sentimentos inadequados. Na verdade, era um sintoma da preocupação gerada pela minha incapacidade de avaliar a profundidade da nossa amizade - nada mais, nada menos.

Mas, se alguém me pedisse para olhar a Shimamura nos olhos, não tinha certeza se conseguiria. Talvez em circunstâncias mais normais, quando eu tivesse tido tempo para me preparar.

Na esperança de tornar o momento mais suportável, tentei me convencer de que esse era um pequeno segredo que nós duas poderíamos compartilhar... mas nem isso resistiu à indignidade de um "vestido chinês". Minha pele parecia queimar.

A Sra. Shimamura me chamou: "Adachi-chan!" Evidentemente, estavam prontos para fazer o pedido.

"Você vai agora," minha colega me disse, dando-me um tapinha no ombro como se não fosse grande coisa.

Fechei os olhos, virei e forcei minhas pernas pesadas para frente. Era hora de me fazer de tola sem motivo algum. Mas, pensando bem, acho que ninguém se humilha de propósito.

✪✪✪

No dia seguinte, eu estava no segundo andar do ginásio. Naturalmente, não tinha ido à aula; de maneira mais simples, estava matando aula. Depois de uma semana frequentando a aula com a Shimamura, eu basicamente sentia que tinha merecido um dia de folga. Sentei-me com as costas contra a parede e fiquei absorta.

Quando desfoquei os olhos, o mundo ao meu redor parecia se multiplicar, sobrepondo-se. Algumas pessoas preferiam manter a mente clara, mas eu gostava daquela sensação embaçada. Eu ficava lá, completamente *zen*, até esquecer de piscar ou respirar. Era libertador.

Ainda era de manhã cedo - acho que era metade do segundo período, se me lembro corretamente. Abaixo de mim, ouvi o som de uma bola quicando. Esfregando os olhos, pressionei-me contra a parede e olhei para baixo até o primeiro andar. Lá embaixo, um grupo de meninos estava correndo atrás de uma bola de basquete. Outro grupo menos motivado estava sentado no canto, conversando e rindo. Se eu fosse um rapaz, provavelmente estaria lá embaixo agora. O mesmo vale para a Shimamura.

Não queria correr o risco de criar uma cena sendo pega, então recuei rapidamente em segurança. Em seguida, coloquei a mão na minha mochila ao meu lado e peguei meu celular. Nenhuma chamada perdida, nenhum e-mail. Mexi nele por um tempo e depois guardei o telefone.

Eu não era uma pessoa extrovertida, e no entanto, sempre que estava entediada, de alguma forma, me pegava alcançando meu telefone. Acho que é típico de alguém da geração Y. Pressionei a parte de trás da minha cabeça contra a parede e exalei silenciosamente.

Nada de ruim tinha acontecido. Eu não estava chateada ou algo assim. Mas depois de ontem, eu me sentia preguiçosa, e sabia que mesmo se fosse para a aula, eu não conseguiria entrar no modo produtivo. Pensando bem, isso era bem próximo do motivo pelo qual eu tinha começado a faltar a escola em primeiro lugar.

Havia se passado uma semana completa desde que respirei o ar abafado do segundo andar. Inalá-lo me pesava, me ancorava no lugar; o gosto da pura indolência era forte o suficiente para me fazer engasgar. Será que é assim que um viciado em nicotina se sente quando tem uma recaída? Eu não fumava, então não tinha certeza.

Envolta no calor e nos sons dos tênis rangendo no chão encerado da quadra, minhas pálpebras pesaram. Com um pouco de sonolência inundando minha mente, minha boca se moveu por conta própria.

"Talvez eu esteja mentindo pra mim mesma."

Tinha uma razão nebulosa adicional para estar aqui: eu esperava que a Shimamura percebesse minha ausência na sala de aula e viesse me procurar. Admito que me sentia como uma criança pequena que havia fugido de casa - queria que alguém se importasse que eu tivesse ido embora. Além disso, parte de mim esperava que ela estivesse aqui quando eu aparecesse. No entanto, ela não estava.

Será que eu era a única que se importava com o que aconteceu ontem?

Percebi uma diferença marcante na forma como ela me tratava em comparação com a maneira como eu a tratava. Nenhuma surpresa, é claro. Quanto mais eu

me envolvia com ela, mais me preocupava com minha própria saúde mental. Por que estava baseando todas as decisões que tomava em torno da Shimamura? Frustrada comigo mesma, cobri os olhos com as mãos.

Pelo caminho que estava seguindo, estava começando a parecer que eu estava apaixonada por ela ou algo assim.

✪✪✪

Alguns minutos depois de tocar o sinal do intervalo de almoço, ouvi alguém subindo as escadas, então expirei toda a preguiça do meu corpo e me sentei direito.

Tentada como estava a olhar para o topo das escadas, forcei-me a olhar para frente. Pude perceber pelos passos que era um estudante. Cada segundo que passava parecia uma eternidade.

“Adachi.”

Eu dei um pulo tão forte que senti nos ouvidos, e virei timidamente na direção da voz. Era a Shimamura.

"O que está acontecendo?" perguntei, tentando agir naturalmente enquanto lutava com sentimentos mistos de alegria e culpa.

“Que tal almoçarmos na cantina? Pra variar um pouquinho.”

Ela estava agindo completamente normal. Claramente, ela não estava presa ao que aconteceu ontem. Mas como ela veio até aqui para me chamar, ela devia se importar um pouco comigo... ou pelo menos foi isso que escolhi pensar.

"Claro, sem problema."

Peguei minha mochila e me levantei do chão. Enquanto eu sacudia a poeira da saia, virei na direção dela. Essa era a Shimamura com a qual eu estava acostumada - sem roupas casuais, sem rabo de cavalo. Ela esperou eu arrumar meu uniforme, e então saímos juntas do ginásio.

Enquanto caminhávamos, ocorreu-me que nem sequer tínhamos dito *olá* uma para a outra. Mas, de novo, entre nós, isso era o padrão. Raramente dizíamos *olá*, quase nunca dizíamos *adeus*.

"Justo quando pensei que ela tinha se endireitado, aqui estamos de novo!" Shimamura declarou do nada com uma voz estranhamente profunda, como se estivesse imitando alguém.

"Quem você está imitando?"

"Nosso professor. Ele queria saber por que você não estava na aula, e eu disse tipo, 'Como eu vou saber?'" Ela deu de ombros.

Se o professor tivesse perguntado a ela sobre mim, isso significava que ele acreditava que era possível que ela tivesse a resposta. E isso significava que ele via nós duas como amigas próximas. Interessante.

"Você curtiu isso, né? Eu não achei que acertei na imitação", comentou Shimamura, olhando para mim com surpresa nos olhos.

"Huh...? Do que você está falando?" perguntei, confusa.

"Aquele olhar no seu rosto", ela respondeu, apontando para a minha boca.

Eu apertei minhas bochechas. Eu realmente estava sorrindo tanto assim? Sim. Sim, estava.

Então percebi o que realmente me fez sorrir e discretamente quis morrer.

"Ah, vamos lá. Você não precisa ficar envergonhada com isso."

"Fácil pra você dizer."

Pelo visto, ela imaginou que minha vergonha se originava de ela me pegar revelando abertamente minhas emoções. Ela não tem ideia. Graças a Deus. Massageando minhas bochechas, segui atrás dela enquanto entrávamos no prédio da cantina.

Para ser sincera, era a primeira vez que eu colocava os pés lá. A presença avassaladora dos estudantes mais velhos tornava um pouco intimidante para uma caloura como eu entrar. Além disso, nem sempre sentia a necessidade de almoçar.

Enquanto entrávamos, examinei rapidamente a área para descobrir o que eu deveria fazer antes de fazer papel de boba. Aparentemente, a cantina utilizava um sistema de tickets de refeição; uma fila de estudantes havia se formado em frente ao que parecia ser uma máquina de tickets. Nos juntamos a essa fila. Do outro lado dos pilares azuis, uma segunda fila levava ao caixa.

Será que era aqui que a Shimamura sempre comprava o almoço para nós? Nunca havia acompanhado ela, então não podia ter certeza, mas vi uma máquina de venda automática vendendo água mineral. Um sabor de refrigerante estava esgotado; uma luz vermelha piscava sob um logotipo amarelo.

Ficamos na fila em completo silêncio. Pessoalmente, eu estava tão sobrecarregada pelo burburinho dos estudantes ao nosso redor que mal conseguia respirar. Eu sabia que provavelmente me sentiria melhor se apenas pensasse em algo para conversar, mas minha mente estava em branco. Por um momento, eu encarei diretamente a nuca perfeita e esguia da Shimamura... mas então, fiquei com medo, pensando que ela poderia se virar e me pegar. Minha única opção era olhar para o outro lado.

Enquanto esperava na fila interminável pela minha vez, matei o tempo absorvendo a cena tranquila do horário do almoço ao meu redor. A luz do sol reluzindo intensamente nas janelas distantes do prédio da escola. Nuvens brilhando na luz, com pequenos vislumbres de azul nos intervalos. O movimento agitado das pessoas atrás de mim. O leve cheiro de comida.

Finalmente, após um longo e rigoroso teste da minha resistência, chegou a nossa vez. Shimamura tinha tirado seu dinheiro com antecedência, então ela o inseriu na máquina e prontamente pediu o especial do dia: a tigela de arroz chinês. *Mas você comeu comida chinesa ontem à noite*, pensei. E pedi a mesma coisa.

Na frente da segunda fila, trocamos nossos tickets de refeição pelos pratos correspondentes, depois paramos perto do bebedouro para pegar copos de água. Tudo o que restava agora era encontrarmos um lugar para nos sentarmos... mas as mesas azuis retangulares estavam ocupadas por pessoas por toda parte que olhávamos. Com comida e bebida em mãos, caminhamos por toda a cantina até que, finalmente, avistamos uma mesa vazia no canto.

Quando nos sentamos, a primeira coisa que fiz foi dar um gole na minha água. Estava em temperatura ambiente e tinha um leve gosto metálico. Igual à água da torneira lá de casa. Por isso, geralmente, eu preferia água mineral.

Em seguida, coloquei meu copo na mesa e peguei meus *hashis*. Então, senti o olhar da Shimamura da outra ponta da mesa, então olhei para cima, e ela riu.

Eu congelei. "O que foi?"

"Ah, só lembrando como você parecia bonita na noite passada."

Nunca antes a palavra "bonita" me fez corar tão rapidamente. Não suportava olhar nos olhos da Shimamura. Ela usava mais um daqueles sorrisos raros e genuínos; seus dentes estavam à mostra e tudo. Decidi que minha melhor aposta era tentar retribuir.

"Você também é bem bonita."

"O quê? Não é assim que eu sempre pareço?"

Exatamente meu ponto. Mas ela não percebeu que eu queria dizer no sentido geral. Em vez disso, ela interpretou como uma piada.

Por algum motivo, ela parecia pensar que eu era a mais atraente; mas, na minha opinião, ela não poderia estar mais errada. Eu queria dizer isso diretamente a ela, mas senti que isso tornaria as coisas estranhas entre nós, então não discuti o ponto. Em vez disso, estalei ociosamente meus *hashis*.

"Talvez devêssemos comer lá de novo algum dia."

“Pare. Nem pense nisso.” Eu não estava brincando, de verdade. Se a família dela começasse a comer no meu restaurante o tempo todo, eu teria que arrumar outro emprego.

“Estou brincando. Seria estranho vir te visitar com toda a minha família.”

“Né? É meio embaraçoso ter toda a sua família lá.”

“Totalmente.”

Ela tirou um tempo para agradecer pela comida, então eu fiz o mesmo. Para ser honesta, eu geralmente comia a maioria das minhas refeições sozinha, então quase nunca me lembrava de fazer isso. Uma vez que Shimamura e eu começamos a comer, a conversa morreu. Ela conseguiu falar e comer ao mesmo tempo com a família na noite anterior, mas aparentemente, isso não estava nos planos para nós.

Acho que é só diferente quando você está conversando com a família. Eu gostaria de ter algum tipo de conexão especial com ela também. Como se fosse a melhor amiga dela ou a namorada dela... Ok, talvez não a namorada. Provavelmente não. Com certeza não.

Enquanto eu comia, me perguntava casualmente como seria namorar a Shimamura. Na nossa idade, mesmo que encontrássemos namorados, não pensaríamos em casamento ou em formar uma família. Nesse caso, por que nos limitar a namorar apenas caras? Se não precisávamos nos casar e ter filhos, parecia ser o momento ideal para namorar garotas em vez disso. Eu não via nenhum problema nisso.

O que eu estou pensando? Claro que há problemas! Só porque eu estava tranquila com isso não significava que o resto do mundo estaria, isso sem contar o que a Shimamura pensaria. Espera... isso significa que os problemas com o namoro do mesmo sexo são todos externos? Eu sinceramente estava bem com isso em um nível pessoal? Certamente eu tinha alguma objeção. Depois de um momento de contemplação, pensei em uma.

Se eu namorasse mulheres até a idade adulta, eu nunca transmitiria meus genes. Minha linhagem familiar acabaria comigo. Claro, alguém poderia argumentar que há muitas outras pessoas no mundo para garantir a sobrevivência geral da raça humana, mas e se o namoro do mesmo sexo se tornasse uma tendência maior? Eu não sabia qual percentagem da população estava interessada nisso, mas se a resposta fosse "muitas", o mundo estaria em apuros. Esse é o perigo de ser uma exceção. Tudo faz sentido agora...

Eu gosto tanto assim da Shimamura?

Dei uma olhada furtiva nela por cima da borda da minha tigela. Meus olhos foram atraídos para o rosto dela, especialmente para os lábios. Seus cabelos castanhos descoloridos balançavam a cada movimento. Ela usava mais camadas de maquiagem do que eu, mas seus olhos pareciam cansados. Ela comia de maneira modesta, com movimentos delicados.

Antes disso, eu nunca tinha realmente percebido o quão bonita ela era, mas agora que eu estava consciente disso, de repente tudo nela era adorável. Por um momento, eu me vi encantada. Depois, me dei conta e me livrei rapidamente do pensamento.

Beleza à parte, o que havia nela que a tornava tão especial para mim?

"Oh, ei! São a Shimamura e a Adachi!"

Fiquei tão assustada que quase derramei minha comida. Colocando minha tigela de volta na mesa, olhei para cima e vi duas garotas com a mesma refeição que pedimos.

"Ah, oi", respondeu Shimamura.

Com isso, as garotas se sentaram ao nosso lado como se convidadas. Segundo minhas lembranças, a garota mais baixa se chamava Hino, e a mais alta era Nagafuji. Hino escolheu o lugar ao meu lado.

"Eu não sabia que você estava aqui", ela comentou.

"Huh? Oh, uh... sim." Demorei um pouco para perceber o que ela queria dizer — eu não tinha ido para a aula, então todos automaticamente assumiram que eu estava ausente. Certo. Isso ainda não explicava por que elas achavam que podiam se intrometer no nosso almoço.

"Ei, você," Nagafuji me chamou, do outro lado da mesa.

“O nome dela é Adachi. Não seja rude,” Hino retrucou, apontando seus *hashis* para Nagafuji.

Nagafuji riu. “Oh, quem liga? Enfim, Adachi-san, eu queria dizer que…”

“Sim?”

Ela sorriu gentilmente. “Bom dia!”

Uh…um pouco tarde pra isso, não acha?

Por outro lado, tecnicamente era o mais apropriado. Regra de comunicação número 1: comece com uma saudação e siga a partir daí. Ainda assim, Nagafuji parecia um pouco fora de sintonia com o resto de nós.

“Hum…bom dia.”

De maneira estranha, eu captava uma vibe claramente distraída dela, embora ela parecesse inteligente e madura à primeira vista. Então ela percebeu que eu estava com a minha mochila. "Você acabou de chegar?"

"Não, eu estava matando aula," respondi com sinceridade.

"Whoaaaa," elas murmuraram ao mesmo tempo. Não tenho certeza do que há de tão surpreendente nisso, mas ok.

“Então, o que vocês estão fazendo aqui?” perguntou Shimamura a elas. “Normalmente, vocês duas trazem o próprio almoço, não é?”

“Mamãe dormiu demais”, respondeu Hino, mexendo os *hashis*. Ela tinha o hábito de gesticular com as mãos enquanto falava; será que ela era inquieta ou apenas muito enérgica?

Agora era a vez da Nagafuji. “Não tinha muita coisa na geladeira.”

Num primeiro momento, isso parecia uma resposta estranha... até eu perceber que ela provavelmente fazia os próprios almoços.

Hino se virou para mim. "A família dela tem um açougue", explicou, apontando os *hashis* na direção de Nagafuji.

"Oh", respondi de maneira sucinta, já que não via aquilo tendo muito ligação com a conversa.

"Outro dia, eu passei lá e pedi para me vender um pouco de carne de peito. E sabe o que ela fez? Me deu um soco! Serviço terrível, esse açougue!"

"Papai me disse que posso dar socos em pessoas, desde que não sejam clientes."

E acham que eu sou a delinquente? Pelo menos eu nunca saí por aí socando ninguém!

“Diga aí, Shima moo ra-san, quer experimentar minha comida?” perguntou Hino, segurando uma fatia de cenoura nos *hashis*. *Por que ela quer que você coma da comida dela se ela pediu exatamente a mesma coisa que você? Não vai fazer ela comer com seus talheres, vai?*

"Nós duas pedimos a mesma coisa, Hino."

"E daí? Quem se importa?! Vamos lá!" Ela colocou a cenoura em cima da tigela da Shimamura.

"Você só quer que eu coma suas cenouras, né? Ei! Você também não, Nagafuji!"

Enquanto isso, Nagafuji transferiu silenciosamente todas as suas cenouras para a tigela da Shimamura. Por um segundo, eu contemplei a ideia de me juntar a ela. Então, Shimamura me lançou um sorriso exasperado, olhar que, por alguma razão, eu devolvi da mesma forma.

Não me importava com a atmosfera descontraída que Hino e Nagafuji traziam sempre que apareciam. Na verdade, era até divertido de uma maneira que me fazia sentir nostalgia da escola primária... No entanto, parte de mim definitivamente não ficou feliz por elas se sentarem conosco.

Shimamura e eu não tínhamos saído juntas sozinhas por um bom tempo, e justo quando finalmente tínhamos a chance, essas duas apareceram para estragar a festa. A verdade é que a presença delas parecia... errada de alguma forma. Provavelmente foi por isso que sorri de volta para Shimamura, para esconder meu desconforto.

"Legal ver você sorrir para variar", provocou Shimamura.

"Wow, que rude." *Eu sou um ser humano, não uma estátua. E você não me viu sorrindo antes? Sou uma girassolzinha radiante aqui. Ok, nem tanto.*

Seja como for, parecia que era ela quem mal sorria. E eu não estou falando daquele sorriso falso que você usa em situações sociais.

Então, o que a Shimamura realmente gostava de fazer? Tentei perguntar diretamente algumas vezes no passado, mas tudo que obtive foi "Nada demais" ou "Boa pergunta", enquanto ela inclinava a cabeça em contemplação.

Nosso alegre almoço chegou ao fim. Por toda a cantina, os estudantes se levantavam para guardar suas bandejas, e nós fizemos o mesmo.

"Qual é o seu plano pra esta tarde?" Shimamura me perguntou enquanto empilhávamos nossas tigelas sujas uma sobre a outra. Eu não estava com vontade de voltar para o ginásio sozinha. Além disso, eu estava com a minha mochila.

"Vou pra aula."

"Entendi." Sua voz soava um pouco animada... ou será que eu estava pensando demais? De qualquer forma, fez meu coração bater mais rápido.

Lado a lado, ela e eu caminhamos a uma curta distância atrás de Hino e Nagafuji. Sentindo-me ligeiramente rebelde, abaixei minha voz para que as outras duas não me ouvissem. "Ei, Shimamura?"

“Hmm?”

"Posso ir pra sua casa hoje?" Perguntei, levemente nervosa.

Ela inclinou a cabeça. "Pra quê?"

"Não sei... porque estou entediada?"

Pela expressão no rosto dela, pude perceber que ela se perguntava por que escolhi a casa dela, de todos os lugares, para me entreter quando havia toda uma cidade para explorar. Essa expressão duvidosa sempre me deixava um pouco desconfortável - parecia que ela estava me julgando por ser estranha. Nah, provavelmente estou pensando demais nisso.

"Não me importo, mas minha casa não é exatamente divertida e tal. Além disso, minha irmã... Ah, acho que está tudo bem." Evidentemente, ela não queria se aprofundar no assunto, mas eu senti que ela estava preocupada de que a irmã pudesse ser irritante ou algo do tipo.

"Sério, minha casa não é nada demais."

"Tudo bem." Eu assenti sem olhar para ela. Eu não esperava algo super especial; só queria poder dizer que estive lá. Queria estar um passo à frente dos outros amigos dela. De maneira alguma eu estava apenas tentando passar um tempo sozinha com ela.

Casa da Shimamura. Quarto da Shimamura.

A memória do sonho ameaçava ressurgir. Desesperadamente, eu a expulsei da minha mente.

✪✪✪

Depois da escola, Shimamura me seguiu até a área de estacionamento de bicicletas.

"Ah, sua bicicleta foi arrumada?"

"Sim."

Recordei os eventos da semana passada. Pensar neles sempre me irritava, então fiz o possível para suprimir as lembranças.

De alguma forma, aquela garota astronauta ainda era um mistério completo, mesmo depois de eu encontrá-la pessoalmente. Quem era ela? Se fosse comigo, eu a teria ignorado e continuado andando. Mas a Shimamura conseguia conversar com qualquer pessoa como se fossem normais. Nesse aspecto, ela era muito... neutra. A ideia de que eu estava em pé de igualdade com aquela garota astronauta esquisita me incomodou.

Felizmente, Shimamura não pareceu chateada com isso.

"Quer uma carona?" Eu disse enquanto dava um chute fraco na roda traseira da bicicleta.

"Claro. Deixa eu colocar isso aqui." Ela colocou sua mochila na minha cesta, pôs a mão no meu ombro e subiu.

Pessoalmente, eu preferiria ter esperado até passarmos pelos portões da escola, mas eu não ia impedi-la, então comecei a pedalar. Com o peso total agora dobrado, os primeiros segundos foram um pouco difíceis, mas ficou mais fácil à medida que ganhávamos velocidade.

"Você não trabalha hoje?"

"Não. Só amanhã."

Eu não queria correr o risco de algum professor nos parar para nos repreender por "comportamento imprudente" ou algo do tipo, então pedalei o mais rápido que pude para tirar a gente do campus o quanto antes. Juntas, Shimamura e eu passamos pelos portões e descemos pela rua.

"Minha casa é pro outro lado."

“Caramba, é verdade.” Sem pensar, eu tinha automaticamente virado na direção da minha própria casa. Fiz uma curva fechada e voltei na direção oposta, passando pelos portões da escola mais uma vez.

"Então, você realmente vai pra minha casa?"

"Sim...? Isso é ruim?"

Se ela não quisesse, eu não iria. Mas a Shimamura não respondeu à pergunta. Em vez disso, ela me perguntou: "Aquele vestido chinês que você estava usando... Você trouxe de casa?"

De onde veio isso? E que tipo de pergunta é essa?

"Uh, não? Não é óbvio?"

"Então, por que mais ninguém estava usando um?"

"Porque... Você sabe..."

"Não, eu não sei. Por quê?"

"Porque eu sou a mais nova, algo assim."

"Isso, e você fica tão bem nele."

"Eu não diria isso." Acho que ela gosta do meu uniforme... Mas, pensando bem, será que a Shimamura realmente gosta de ALGO?

Enquanto pedalava pela estrada, olhei para cima, e nossos olhos se encontraram.

"Para com isso! Você tem que prestar atenção pra onde está indo!" Shimamura insistiu, apontando para frente. Mas eu continuei olhando, lembrando da outra vez que fizemos isso há algum tempo. Sua expressão endureceu de uma maneira que eu nunca tinha visto antes. "É sério, vamos!"

Hoje em dia, ela preenche cada momento da minha vida, e eu não sei por quê.

"Chegamos, senhorita. Bem-vinda à Casa da Shimamura," eu anunciei enquanto parávamos na frente.

"Parece algo que a Hino diria," comentou Shimamura.

Relembrando a conversa que tivemos durante o almoço, eu estava inclinada a concordar.

Cadeei minha bicicleta e depois me virei para a casa. Tinha um telhado de azulejos azuis e um deque de madeira que levava ao quintal, embora a madeira estivesse apodrecida em alguns lugares devido à sua idade. Roupas limpas tremulavam tranquilamente no varal.

Esta era a minha primeira vez indo à casa de uma amiga como estudante do ensino médio, e pelo que eu sabia, poderia ser a última.

Shimamura destrancou a porta da frente, abriu-a e olhou para os sapatos alinhados contra a parede interna. "É, ela tá em casa", murmurou, tirando os sapatos e colocando-os ao lado do que eu suspeitava serem os da irmã dela. Eu fiz o mesmo e posicionei os meus logo ao lado. Então partimos pelo corredor, passando pelas escadas.

"Seu quarto é no primeiro andar?"

"Isso é estranho? Acho que a maioria das pessoas tem o quarto lá em cima."

Não posso afirmar com certeza, mas eu certamente tinha um quarto no andar de cima, assim como a maioria das crianças cujas casas eu visitava na escola primária. Talvez essa fosse a tendência quando nossas casas foram construídas.

No final do corredor, Shimamura apontou para uma porta. "Este é o meu quarto."

Ela girou a maçaneta, e no instante seguinte, uma vozinha gritou.

"Oneechan! Bem-vinda... em casa...?"

Era a Pequena Shimamura. O entusiasmo dela ao ver a irmã rapidamente diminuiu quando percebeu que eu estava com ela.

Ela estava sentada no chão jogando videogame, sua mochila *randoseru* largada em um canto. Ela estava jogando um daqueles jogos com controle de movimento em que você balança o controle. Pelo que parecia, era pingue-pongue. Na tela, um pequeno personagem de desenho animado pulava de alegria; seu "oponente" havia marcado um ponto contra ela enquanto ela estava distraída.

(Nota: *Randoseru* é uma espécie de mochila rígida feita de couro ou de couro sintético, comumente usada no Japão por crianças do Ensino Fundamental.)

"Obrigada", respondeu Shimamura bruscamente, depois fez um gesto para mim. "Esta é minha amiga. Você lembra que a vimos ontem?"

"Uh-huh."

A Pequena Shimamura desligou o videogame e começou a arrumar as coisas. Assim que terminou, saiu do quarto. Parecia muito que ela tinha estado esperando pela irmã mais velha para poderem brincar juntas... Meu peito doeu. Ela me lembrava uma versão menor de mim mesma, até mesmo na maneira como fugia ao primeiro sinal de conflito.

"Me sinto mal por estar me intrometendo."

"Não, está tudo bem. Ela é apenas tímida, é só isso."

Era evidente que a irmã mais velha ficou sem entender a situação. Se eu a vir de novo antes de ir embora, devo pedir desculpas, pensei. Então percebi que ainda estava de pé na entrada, desajeitada.

Este era o quarto da Shimamura.

Não era nada como o quarto que eu tinha sonhado... Não que eu esperasse que fosse igual, obviamente, porque isso seria estúpido. A forma e o tamanho, a cor da parede, a vista da janela — tudo completamente diferente.

Me ocorreu que o meu sonho tinha sido realmente detalhado. Anormalmente detalhado. Normalmente haveria partes difusas, mas este não tinha nenhuma.

Na minha fantasia — quer dizer, no meu sonho — o quarto da Shimamura tinha papel de parede azul-pálido e cortinas em tons pastel. Sua cama estava encostada na parede, ao lado de uma escrivaninha. Do outro lado da cama havia uma TV, e o pôr do sol tingia a vista pela janela do segundo andar de escarlate. Nós duas estávamos sentadas na cama, Shimamura com as costas contra a parede, eu apoiada nela.

Na realidade, o quarto dela tinha paredes brancas e, em vez de uma cama, havia dois *futons* no chão. Isso me surpreendeu mais do que qualquer outra coisa. A TV estava ao lado da janela, e sobre o suporte da TV havia uma pilha de *Blurays*, além do videogame de antes. A estante estava repleta do que eu presumia ser a coleção de mangás da Pequena Shimamura, mas vi um guia de táticas de pingue-pongue escondido no fundo. Isso me arrancou um sorriso.

Por último, duas escrivaninhas antigas estavam lado a lado. Elas sintetizavam o que meu sonho tinha errado — eu nunca imaginei que Shimamura dividisse um quarto com a irmãzinha. Pelo menos, eu acho que não imaginei. Mas era apenas um sonho, então não importava. Não era minha culpa.

Meu sonho também falhou em antecipar o aquário perto da porta, seus moradores nadando preguiçosamente.

"Você gosta de peixes?" perguntei.

"A Hino que me deu, mas minha irmã gosta de alimentá-los, então basicamente são dela agora. Ela também cuida dos animais de estimação na escola." explicou Shimamura, sorrindo.

"Cuidadora de animais de estimação! Isso me lembra do passado" eu ri. "Eu não sabia que ainda faziam isso."

"Parece que sim, é. De qualquer forma..." Ela colocou a mochila dela na escrivaninha e se jogou em cima do *futon*. Então ela pegou a almofada amarela na qual a Pequena Shimamura estava sentada e a jogou para mim. "Toma!"

Eu a peguei e olhei para ela. A capa da almofada apresentava um gato preto e um gato branco, mascotes de uma empresa de entrega, de mãos dadas. Deixei a almofada no chão e me acomodei nela.

"Então, e agora?" perguntou Shimamura, sentada com as pernas esticadas. Aparentemente, ela queria que eu decidisse como iríamos passar o tempo.

Entediada, ela pegou o controle remoto e ligou a TV, depois navegou do canal AV para um canal regular. Um programa apareceu na tela — relativamente antigo, julgando pela qualidade da imagem — e percebi que o reconhecia. Era a reprise de um programa que eu assisti, se não me falha a memória, uma vez por ano quando era pequena. *Eles ainda exibem isso?* Ri sozinha enquanto assistia ao protagonista bronzeado se apresentar. O programa costumava ser transmitido logo após o meu anime favorito, e eu assistia só porque estava entediada e estava passando. Eu ainda lembrava de todos os acontecimentos da trama.

"Não posso acreditar que ainda passam isso," suspirou Shimamura. Aparentemente, estávamos pensando a mesma coisa, e foi reconfortante descobrir mais uma coisa que tínhamos em comum, por menor que fosse.

No entanto, senti meus olhos vagarem inquietos. Dei um leve tapa na minha têmpora, tentando recobrar o juízo. Eu sabia que era estúpido confundir sonhos com a realidade, mas... estávamos sentadas muito longe. Simplesmente não parecia certo.

"Ei, uh, Shimamura?"

"Hmm?" Os olhos dela estavam na tela da TV. Ela tirou as meias e as jogou para longe do *futon*, no chão.

Meu estômago se contraiu enquanto meu cérebro gritava para eu não dizer isso. Mas então eu disse.

"Eu estava pensando, hum, se eu poderia sentar com você, tipo, entre suas pernas ou algo assim."

Deus, me escute. Estou parecendo uma completa estranha.

"Hein? Claro, não me importo."

Você não se importa? Sim, claro, esper... o quê? O quê? Estou sonhando de novo? Ela concordou tão prontamente que me deixou desconcertada.

Enquanto ela abria as pernas, a expressão dela não mudou nem um pouco. Com hesitação, tímida, eu me aproximei e me acomodei entre elas.

Olhei para baixo e vi as pernas dela ali. De repente, me senti tonta. Mas eu sabia que não podia simplesmente me jogar contra ela, então fiquei completamente ereta, sentada com as pernas cruzadas, mantendo um pouco de distância entre nós. No entanto, apoiar meu peso total nos quadris fez meu cóccix doer... e então meu corpo inteiro começou a tremer.

"O que você está fazendo?"

"Bem..."

Enquanto eu lutava para expressar meu desconforto, ela me olhou com desconfiança. "Minha irmã faz isso o tempo todo. Não é estranho, né?"

Aparentemente, ela não tinha problemas em me tratar exatamente da mesma maneira que a irmã mais nova. Não tenho certeza se isso era algo bom ou ruim, mas senti uma chama quente se formando no meu peito.

"Não, claro que não..." Eu menti, com medo de que ela me afastasse se eu dissesse o contrário. Estaria eu me aproveitando dela? Ou será que na verdade não era tão estranho? Eu não fazia ideia.

Se eu virasse a cabeça só um pouco, o rosto da Shimamura entraria no meu campo de visão. Apenas imaginar isso foi o suficiente para fazer meus ouvidos queimarem de vermelho. *O que há de errado comigo? Por que estou tão acuada?* Mal ouvia a TV por conta dos meus próprios gritos internos. Meus ouvidos pareciam literalmente pegar fogo — e eu fiquei aterrorizada com a possibilidade da Shimamura perceber.

"Entendi!"

"Oh!"

Ela deve ter sentido o quanto eu estava desconfortável, porque ela agarrou meus ombros e me puxou para trás. Isso me pegou completamente desprevenida, e eu afundei contra ela com todo o meu peso, balançando os braços enquanto caía. Ela era mais baixa do que eu, e mesmo assim, de alguma forma, nos encaixamos perfeitamente juntas — quase como se eu realmente tivesse me tornado a irmã mais nova dela. Agora, o rosto dela estava diretamente acima do meu; ela olhava para baixo, em minha direção, com uma expressão neutra, como se estivesse totalmente bem.

Eu endireitei um pouco, e ela desapareceu atrás de mim. "Rrgh," ela rosnou, aparentemente incomodada com a minha altura superior.

Francamente, foi um grande alívio ter algo para me apoiar. Eu relaxei, estendendo as pernas sobre o cobertor, e expirei. Quanto mais minha realidade se aproximava do meu sonho, mais vertigem eu sentia. Trazendo meus joelhos para o peito, senti a presença da Shimamura atrás de mim, separada por uma parece intransponível, mais conhecida como “minhas costas”.

"Você tem... um namorado ou algo assim?"

Meus lábios se franziram ligeiramente. Por alguma razão, senti vontade de perguntar a ela. Olhando para trás, acho que foi quando comecei a agir no piloto automático.

"O que você acha?" ela retrucou com cinismo. Eu sabia que ela não queria dizer nada com isso, mas ainda me incomodou.

"Não...?"

"Bingo. Não tivemos essa conversa outro dia?"

"Tivemos...?" Meu cérebro não estava funcionando corretamente, então eu não conseguia me lembrar.

"E você? Tem namorado?"

"Não. Igual a você."

“"Entendi," ela respondeu casualmente.

Provavelmente ela só perguntou porque era a coisa educada a fazer. Sim, deve ser isso. É assim que ela é. Não importa quão aleatória seja a pergunta, ela me daria a resposta dela, e então a conversa acabaria. Ela nunca sentia a necessidade de falar sobre algo além do estritamente necessário. Pelo menos, não comigo.

Se a amizade média fosse uma escadaria, a nossa era uma pintura de M.C. Escher. Eu não pude deixar de me perguntar se eu estaria subindo essas escadas para sempre.

Com esse pensamento, virei um pouco, e a Shimamura entrou no meu campo de visão, o rosto dela a poucos centímetros do meu. Assim como no sonho. Então nossos olhos se encontraram.

"O que foi?" ela perguntou. Neste ponto, até ela estava começando a pensar que eu estava agindo de forma estranha. Ela estava certa, é claro. Eu estava sendo uma completa esquisita com toda a situação.

Minha clavícula doía. Normalmente, as pessoas diriam que o peito ou algo assim doía, mas para mim, era o osso em si. Eu podia sentir ele rangendo como se quisesse pular para fora do meu corpo. Por quê? Provavelmente porque eu estava segurando meu pescoço em um ângulo estranho. Doía tanto que parecia que minha cabeça inteira poderia cair.

O que posso fazer para remediar essa situação? Eu me perguntei. Então uma ideia surgiu.

"Eu realmente gosto de você, sabe?"

Espera, o quê? Peraí, o quê? O que eu quase disse agora?

Espera — eu disse isso de verdade? Não disse, disse? Mas o que ela faria se eu dissesse? O que aconteceria?

"Hmm?" Shimamura inclinou a cabeça para mim. Aparentemente, ela não ouviu nada. Minha garganta parecia que estava se fechando. Os cantos dos meus olhos queimavam.

"E-eu... acho que gosto de você."

Mas o único som que eu produzi foi uma respiração ofegante, como um vento gelado passando por um túnel escuro e sombrio. Eu não conseguia falar. Minha caixa torácica inteira latejava dolorosamente no ritmo do meu coração, quase como se meu corpo inteiro estivesse me implorando para não dizer isso. Incapaz de piscar, meus olhos começaram a doer em meu crânio enquanto encaravam a Shimamura, que me olhava com dúvida. Cada movimento me fazia recuar.

"E-eu... acho que tenho sentimentos por você. Mas é só um, eu acho. Parece que... que eu te amo."

Por que continuo tentando dizer isso?! Senti toda a minha mandíbula tremer enquanto uma autoaversão me inundava. *Isso é tão estúpido. Eu não posso fazer isso. Eu sou uma idiota.*

Minhas memórias e minha consciência se contorciam como duas minhocas separadas até que finalmente, após uma eternidade, seus caminhos se cruzaram.

Isso é... isso é a coisa mais estúpida que eu já fiz na minha vida.

Atônita, Shimamura me encarou por um momento. Então sua boca começou a se mexer — lentamente, hesitante, como se fosse a primeira vez que ela a estivesse usando.

"Uhhh... você está bem...? Ainda está respirando? Seu rosto está, tipo, bem vermelho."

Então ela alcançou meus lábios... e isso foi a gota d'água que me fez explodir. Uma enxurrada de luz branca embaçou minha visão — e quando me dei conta, eu estava de pé e correndo em direção à porta. Enquanto isso, por algum motivo, notei calmamente meus braços rangendo e minha cabeça doendo, quase como se estivesse observando de fora.

"Espera, não vá...!" Shimamura chamou. Mas ela não mostrou sinais de realmente vir atrás de mim, então a deixei para trás, tropeçando em pernas tão amortecidas que eu não tinha confiança de que seria capaz de andar de bicicleta.

✪✪✪

Em casa, eu enfiei meu rosto no meu travesseiro e me contorci, agarrando minha cabeça. Minha memória da volta para casa era tão vaga que parecia que eu simplesmente tinha teleportado aqui... mas pela dor intensa nas minhas pernas, eu sabia que devia ter pedalado como uma louca o tempo todo.

Eu tinha deixado minha mochila, por acidente, no quarto da Shimamura, mas eu não estava com disposição para recuperá-la.

“Hnnnnn...!”

Com o rosto enterrado no travesseiro, soltei um longo gemido. Cada gota de suor que escorria pelo meu rosto parecia perguntar: "O que deu em você?" Gemendo como um bebê, fiz uma pausa para tirar meu paletó do uniforme. Depois, continuei gemendo.

"O que... o que foi isso... o que foi isssso...!"

Eu estava tão angustiada que estava inventando palavras novas. Toda vez que eu tentava lembrar o que eu tinha dito, eu começava a gritar. Minha cabeça

parecia que estava se partindo no couro cabeludo. Uma dor intensa me envolveu enquanto lágrimas começaram a arder nos cantos dos meus olhos.

Quando finalmente levantei a cabeça novamente, ainda havia bastante luz do dia. Enquanto o desespero cavava em minhas órbitas oculares, amaldiçoei o sol por ser tão lento.

"Hnnnnn... meu pescoço dói... Ai...!"

Algo flutuava no meu peito, sombrio e escaldante. Algo que eu não conseguia reprimir. Eu estava envolvida em uma cachoeira de tormento emocional — eu queria que acabasse, e ao mesmo tempo, não queria. Era puro desespero.

Só podia rezar para que o mundo não chegasse ao fim quando o sol nascesse amanhã.